

1. Realiza uma pesquisa sobre a vida e obra de Sophia de Mello Breyner e redige um texto onde dê conta dos aspetos que te pareceram mais relevantes.
2. Que acontecimentos terão impulsionado a autora a escrever este conto? Justifica a tua resposta, identificando, no conto, a alusão a factos concretos.
3. Atendendo ao que leste sobre a sua vida, como entendes a sua tomada de posição em favor da causa timorense?
4. Por que motivos terá a autora escolhido um *liurai*, convertendo-o na personagem principal do conto?
5. Procura explicar, por palavras tuas, o título do conto e a sua relação com o conteúdo.
6. Atenta na viagem realizada pela personagem.
 - a) Que motivações conduziram o *liurai* a partir?
 - b) Atingiu os seus objetivos?
 - c) Quando e por que motivos regressou a casa?
 - d) Que descoberta marca a viagem realizada?
 - e) Qual a sua importância e que consequências tem na sua vida?
7. Caracteriza psicologicamente o *liurai*, tendo em conta a sua evolução ao longo do tempo.
8. Como reage a família ao regresso do *liurai*?
9. Por que razão não se sente a personagem principal completamente feliz com o regresso a casa e com o reencontro com a família?
10. O que distingue a sua atitude da dos restantes membros da família? Justifica a tua resposta.
11. Uma vez em casa, o *liurai* inicia uma espécie de ritual.
 - a) Em que consiste e para que serve?
 - b) Quanto tempo dura?
12. Identifica marcas da passagem do tempo no conto.
13. Como reage o *liurai* ao aparecimento do anjo?
14. De que mensagem foi portador o ser divino e qual o seu significado?
15. O *liurai* não acompanha o anjo no final da narrativa.
 - a) Por que razões não pôde acompanhá-lo?
 - b) Como soluciona o problema da distância?
16. Qual o significado simbólico da oferta do *liurai*?
17. Se estivesses no lugar do *liurai*, que ofertas farias? Porquê?
18. Como reage o anjo à prenda do *liurai*? Porquê?

19. Identifica, no texto, a frase que exprime a conquista da paz e tranquilidade por parte do *liurai*. Explica-a por palavras tuas.

20. Atenta no parágrafo seguinte e completa o quadro, depois de o copiares para o teu caderno, de acordo com as sensações experimentadas pelo *liurai* ao longo das noites de espera:

“Escutava os barulhos da noite, o suspiro do vento nas árvores, a voz do mar ao longe, respirava os perfumes da noite – cheiro da terra, aroma das flores, aroma do sândalo, cheiro distante do mar. Olhava sem fim o brilho das estrelas.” (l. 31)

A que conclusões chegas?

Visão	Audição	Olfato	Gosto	Tato

21. Que relação encontras entre a oferta do *liurai* e a situação de Timor-Leste na época em que o conto foi escrito?

22. O texto procura veicular uma forte mensagem de esperança. Identifica-a e explica o seu significado.

Para além do texto

1. O ensaio seguinte propõe uma leitura do conto de Sophia de Mello Breyner Andresen estudado. Lê-o com atenção, procurando identificar, na reflexão da autora,

- a) O tema central e os temas secundários;
- b) O destinatário preferencial do conto;
- c) A relação com outros textos de Sophia;
- d) A relação com o contexto timorense, mas também com as suas tradições e rituais;
- e) O tratamento dado à questão religiosa.



Viagem e discursos do sagrado em *O Anjo de Timor*, de Sophia

1 “Há muitos, muitos anos, em Timor, vivia um *liurai* muito poderoso e muito bom. Na sua juventude, resolveu ir correr mundo, para se tornar mais sábio.” (*O Anjo de Timor*, p. 8). Com este *incipit* tornamo-

5 -nos, leitores jovens e adultos, companheiros de viagem de um chefe tribal timorense. No entanto, neste conto de Natal de Sophia de Mello Breyner Andresen, a viagem física não assume papel relevante na economia da diegese, mas constitui tão-somente o *leitmotiv* para uma outra viagem, que é a viagem de regresso ao tempo inicial cristão, proposta no final do conto por um narrador heterodiegético. Tratando-

10 -se de uma viagem simbólica, o tempo será necessariamente cíclico, mítico, portanto. Para que este tempo mítico se realize, necessário se

torna o rito e este rito concretiza-se pela mudança do aspeto temporal, anunciada já no antepenúltimo parágrafo do texto, pela expressão “A partir de então” (p. 33) e afirmada no penúltimo parágrafo pelo uso do deítico temporal (“Este Natal”, p. 33) e pela mudança do tempo verbal. Sai-se de um imperfeito que domina
15 toda a narração e entra-se num presente que realiza, num “aqui” e num “agora” mais próximos do leitor, esse tempo mítico.

Se nos fixarmos no conceito de viagem, deparamo-nos imediatamente com uma definição ambivalente: por um lado, viagem no sentido de simples translação no espaço; por outro, e decorrente, ou não, do primeiro sentido, viagem como ação que se traduz em renovação, em crescimento, em aprendizagem, em
20 conhecimento, e através da qual o sujeito se constrói e reconstrói pela absorção do mundo das experiências vividas. Viagem entendida desta forma é o que encontramos em *O Cavaleiro da Dinamarca*. E, porque fazemos juntamente com o Cavaleiro um longo itinerário com coordenadas espaciais e temporais bem delimitadas, estamos na presença daquilo a que talvez se possa chamar uma viagem artístico-literária, pois a viagem física evoca e (re)visita sempre, nesta obra, um faustoso cenário humanista e renascentista, e é com
25 as personagens e com os artefactos desse período histórico que a personagem principal reedifica os seus valores morais.

Todas as viagens iniciáticas são necessariamente viagens simbólicas, pois o que está em causa é a reedificação do sujeito em termos de valores. O espaço por onde viaja torna-se apenas pretexto para uma viagem mais longa, cujo ponto de fuga é sempre centrípeto, rumo ao centro de si mesmo. Da mesma forma,
30 e ainda dentro das viagens simbólicas, o destino não será a Terra Santa, local de encontro com o Menino redentor, mas o reencontro do próprio “eu” peregrino.

Assim, em *O Anjo de Timor*, e numa primeira etapa desta viagem iniciática, o *liurai* separa-se fisicamente da sua terra, lança-se numa ânsia de conhecimento cujas intempéries – próprias dos trabalhos da viagem, do cansaço físico e do abatimento psicológico – não fazem esmorecer. Separa-se também daqueles que
35 constituem o seu suporte emocional, afasta-se das realidades tangíveis e cognoscíveis e inicia a viagem inaugural que lhe permitirá o encontro com o “outro”, com o desconhecido – e, assim, tornar-se-á mais sábio. Passam-se os meses e os anos, atravessa terras desconhecidas, e encontra, por fim, aquele que lhe dirá que longe, muito longe, existe um povo que adora um Deus poderoso, o qual lhes enviará um salvador. O mercador acrescenta que, por muito que viaje, jamais encontrará esse povo. De notar que esta
40 personagem, o mercador, assume um papel duplo na narrativa: se, por um lado, se constitui como adjuvante da personagem principal, dando-lhe a conhecer a existência de uma crença, por outro lado, assume o papel de opositor à empresa inicial do jovem chefe tribal – conhecer mundos e tornar-se mais sábio. O *liurai*, antes de ter supostamente encontrado o que procurava, resolve inverter o rumo e regressar a casa, numa desistência aparente, pois, efetivamente, havia já encontrado, de forma ainda que inconsciente, aquilo que
45 buscava em terras longínquas.

Ao contrário daquilo a que assistimos em boa parte dos outros textos para a infância escritos por Sophia de Mello Breyner Andresen (e no caso de este livro poder ser considerado como dirigido a esse público), em *O Anjo de Timor* não encontramos como personagem principal uma criança, mas sim um *liurai* que, sendo, todavia, jovem, possui grandes responsabilidades perante o seu povo e a sua pátria.

50 É a consciência disso que faz com que empreenda a longa viagem, que é simultaneamente afastamento e reencontro com o povo de quem é líder espiritual e administrativo.

O motivo do Anjo é recorrente na literatura de todos os tempos e pode assumir duas faces: o Anjo como oponente à realização da ação, como Prova a ser superada pela personagem-herói, e o Anjo como adjuvante.

Neste conto, encontramos um Anjo que corta toda a série de silêncios imperfeitos em que se inscrevera o
55 *liurai*, presentifica o tempo (nascimento de Jesus) e o espaço (Belém) míticos, e nos diz que a viagem de
reencontro com os valores cristãos é feita na casa, por uma espera paciente, por uma crença inderrubável de
que a Boa Nova se tornará realidade.

Esta personagem, o Anjo de Timor, possibilita, então, a rememoração, a comemoração do nascimento
desse Salvador, e, em simultâneo, e porque se trata de um segmento narrativo *in illo tempore*, ritualiza-o,
60 reatualiza-o, indica o caminho, transporta o homem para a dimensão sagrada que comporta, transforma a
palavra em verbo e, desta forma, a liturgia pode cumprir-se.

Neste conto de Natal, de esperança no futuro, descobrimos na personagem principal não a crença
dogmática judaico-cristã, mas a *emet* hebraica, ou seja, a fé entendida, em primeira instância, como
“fidelidade”, “convicção firme”, “confiança” na palavra de Deus. Portanto, a fé constitui a primeira etapa para
65 se obter a Graça que, no fundo, já é esperada (Hebreus, 11:6). E, por isso, o *liurai* “todas as noites se sentava
à entrada de sua casa, à espera de um sinal de Deus” (p. 22). A longa espera do *liurai* e a disposição firme da
sua vontade, condições *sine qua non* para a concessão do benefício, traduzem-se na sua profissão de fé.

Mas uma outra profecia, contida no *Livro dos Salmos*, se cumpre neste conto de Sophia: “Os reis de
toda a terra Te hão de adorar”. Sendo o *liurai* um régulo, ou seja, um pequeno rei, descendente dos *datos*,
70 ou nobreza, também a ele seria anunciada a vinda do Salvador, não pelo Anjo Gabriel, mas pelo Anjo de
Timor. E, se na narrativa cristã, os três Reis Magos ofereceram presentes valiosos, porque simbólicos e
espirituais, ao Menino (ouro, incenso e mirra – entenda-se: realeza, fé e poder curativo, este último usado,
mais tarde, depois da crucificação de Cristo), o *liurai* timorense presenteou o rei dos cristãos com uma
lembrança igualmente simbólica: o *caleic*. Com esta oferenda, atualiza-se a lenda de Timor que, mais do que
75 um mito, ou precisamente por ser um mito, expressa o desejo utópico de um mundo unido e pacificado,
como podemos ler numa das versões da lenda da criação de Timor: “As águas subiram, inundaram a terra,
aproximaram-se dos céus onde deixaram sementes de *Caleic*, germinando trepadeiras, amarrando o mar e
a terra ao infinito. Foi o tempo em que tudo estava ligado, o universo em gestação. Os seres misturavam-se
e percorriam lugares outrora restritos apenas a alguns. A água fizera o que os homens alguma vez ousaram,
80 diluindo as fronteiras terrestres. Ninguém estava classificado consoante os locais onde habitava ou de
acordo com os seres que digeriria.” (“O Crocodilo que se fez Ilha”, do original de Luís Cardoso, publicado no
suplemento da revista *Visão*, n.º 480, de 16-05-02).

Em todo o conto de Sophia, assistimos à reiteração de discursos sagrados, quer pertencentes à tradição
judaico-cristã, quer à tradição popular timorense, obrigando a um tratamento narratológico do tempo de
85 forma linear, sem sequências encaixadas, para que o tempo da narração possa ser revertido, regressando,
assim, circularmente, a si mesmo: “Este Natal, de novo, o Anjo de Timor se ajoelhou e ofereceu uma vez mais
a caixa de sândalo e as pedras do *caleic*...” (p. 36).

Ana Vasconcelos, *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, 16

2. Atenta no poema que se segue, também da autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Tão Grande Dor

1 “Tão grande dor para tão pequeno povo” palavras de um timorense à RTP

Timor fragilíssimo e distante
Do povo e da guerrilha
Evanescente nas brumas da montanha

5 “Sândalo flor búfalo montanha
Cantos danças ritos
E a pureza dos gestos ancestrais”

Em frente ao pasmo atento das crianças
Assim contava o poeta Rui Cinatti

10 Sentado no chão
Naquela noite em que voltara da viagem

Timor
Dever que não foi cumprido e que por isso dói

Depois vieram notícias desgarradas

15 Raras e confusas
Violências mortes crueldade
E ano após ano
la crescendo sempre a atrocidade
E dia a dia – espanto prodígio assombro –

20 Cresceu a valentia
Do povo e da guerrilha
Evanescente nas brumas da montanha

Timor cercado por um bruto silêncio
Mais pesado e mais espesso do que o muro

25 De Berlim que foi sempre falado
Porque não era um muro mas um cerco
Que por segundo cerco era cercado

O cerco da surdez dos consumistas
Tão cheios de jornais e de notícias

30 Mas como se fosse o milagre pedido
Pelo rio da prece ao som das balas
As imagens do massacre foram salvas
As imagens romperam os cercos do silêncio
Irromperam nos ecrãs e os surdos viram

35 A evidência nua das imagens

Sophia de Mello Breyner Andresen

2.1. Procura identificar as semelhanças com o conto estudado quanto ao tema e, sobretudo, quanto à motivação para a escrita. A que conclusões chegas?

2.2. Como explicas a alusão ao poeta Ruy Cinatti? Relembra o que estudaste sobre este poeta no ano passado. Que pertinência tem a sua menção no texto?

2.3. A situação de Timor-Leste é comparada com uma outra realidade histórica. Identifica e explica as semelhanças existentes. Pode ser necessário realizares alguma pesquisa para apoiar a tua reflexão.

2.4. A enumeração “Sândalo flor búfalo montanha / Cantos danças ritos” (v. 5) procura realizar uma caracterização sumária, funcionando quase como uma metonímia do país. Como explicas a escolha dos nomes que constam desta breve seleção?

2.5. O poema dá conta da alteração de uma situação vivida pelo país. Identifica-a e explica em que consiste.

2.6. Identifica os recursos expressivos presentes nos seguintes versos e explica a sua função estilística:

- a) “Tão grande dor para tão pequeno povo” (v. 1)
- b) “Timor fragilíssimo e distante” (v. 2)
- c) “Depois vieram notícias desgarradas / Raras e confusas” (v. 14)
- d) “Violências mortes crueldade” (v. 16)
- e) “As imagens do massacre foram salvas / As imagens romperam os cercos do silêncio” (v. 32)

2.7. Explica, por palavras tuas, as expressões seguintes:

- a) “Tão grande dor para tão pequeno povo” (v. 1)
- b) “Timor fragilíssimo e distante” (v. 2)
- c) “E a pureza dos gestos ancestrais” (v. 7)
- d) “A evidência nua das imagens” (v. 35)

2.8. Procura imagens, nomeadamente fotografias, que sejam capazes de ilustrar o poema ou, pelo menos, alguns dos motivos nele tematizados.

3. Hercus Santos, um jovem escritor timorense, regressa à temática religiosa, de cunho cristão, no conto *Vemos Adorá-lo*, texto onde se pressentem afinidades com o conto de Sophia. Lê com atenção esta narrativa breve e procura responder ao guião de leitura proposto:

VIEMOS ADORÁ-LO

1 Muito, muito antigamente, na terra de Timor, havia um “dadolin” que se contava de geração em geração, sobre um rei poderoso que iria nascer para governar e salvar todos os homens de qualquer tipo de escravidão.

Eis o “dadolin”:

Um rei das Alturas

5 Todo-poderoso e sagrado

Santo é o seu nome

É Rei de todos os tempos

Faz-se Homem

E que vai descer para governar
10 Que vai descer para salvar todos os povos
De qualquer tipo de sofrimentos.

Vinde a Ele
Todos os que estais fatigados e oprimidos
Ele vos aliviará.

Quando este Rei vier, não haverá mais ninguém que seja escravizado. Cada homem se restaurará à
15 verdadeira dignidade humana. Não sabemos quem é que começou a contar ou quem é que criou o “dadolin”.
Disseram que este “dadolin” já estava escrito quando começou a Criação do Mundo e espalhou-se por todo
o território.

Muita gente não dava nenhuma importância a este “dadolin”. Sobretudo os reis que gostavam muito de
poder. Eles não queriam que os seus poderes ou as suas boas posições na sociedade fossem substituídos por
20 alguém. Por isso, nos seus reinos eles proibiam toda a gente de falar sobre o “dadolin”. Eles até matavam os
que dele falavam.

O povo estava em silêncio e quase se perdeu a vontade de saber novidades sobre o novo Rei. Para o
povo, mais valia pensar como é que se ia sustentar a vida e como encher a barriga, do que pensar numa coisa
que levaria para a morte.

25 Entre a multidão que não ligava ao “dadolin”, três reis sábios procuravam saber o sentido daquele poema.
Os três reis sábios eram os reis de “Loro Monu”, “Rai Klaran”, e de “Loro Sa’e”.

Os três reis enviaram um dos seus homens em que tinham mais confiança. E, em segredo, percorreram o
território de Timor para procurar saber onde e quando é que este grande Rei iria nascer. Depois de um ano,
os homens de confiança regressaram para os seus superiores sem nenhuma novidade.

30 Os três reis mandaram outra vez cada um dos seus melhores guerrilheiros com a ideia de que estes já
tinham experiência de guerra e teriam capacidade para procurar uma informação mais concreta e rápida.
Antes de os guerrilheiros partirem dos seus reinos, eles fizeram uma cerimónia de “biru”, receberam “malus”
do seu “uma lisan” e “huta” nas suas testas com o significado de que eles teriam sucesso na sua missão. Eles
procuraram de lugar em lugar, subindo e descendo a montanha, passaram os rios, mas não encontraram
35 nada. Os três guerrilheiros regressaram, então, cada um para o seu reino, sem notícia alguma.

Num suco que ficava longe da cidade, morava um velho “Lia-na’in”. Ele tinha ouvido que três reis estavam
à procura de notícias do novo Rei, pois estava escrito no “dadolin” a vinda do novo Rei. O “Lia-na’in” não era
qualquer “Lia-na’in”, mas sim um “Lia-na’in” especial. Disseram que descendia do senhor da estrela, da lua,
da pedra, da natureza e seria o senhor “aparecido”. Por isso ele tinha um grande poder. Toda a gente sabia
40 bem que o velho “Lia-na’in” era então uma pessoa sagrada.

Ele mandou os três homens para a casa dos três reis para informar de que ele estava disposto a ajudar.
Os três reis ao saberem desta notícia ficaram muito alegres.

Apesar de terem estudado muito e lerm vários livros, os três reis não descobriam o sentido do “dadolin”;
não havia nenhuma explicação nos livros. Os três reis chegaram à conclusão de que a inteligência humana
45 não basta para descobrir o segredo da vida. Mas a experiência da vida é que pode ensinar muitas outras
coisas. O “Lia-na’in” tinha muita idade. Ele sabia muitas coisas. E por isso é que eles deixaram os seus reinos
para o encontrar.

O “lia-na’in” recebeu-os muito bem. Pediu-lhes para se sentarem perto da fogueira onde estavam as coisas sagradas. Depois o “lia-na’in” pôs “bua malus” em cima da pedra sagrada e voltou o olhar para cada
50 um deles e perguntou:

– Os senhores são reis, porque é que ainda querem saber sobre o novo Rei?

Respondeu o rei do “Loro Monu”:

– É verdade. Sou rei do “Loro Monu”. No meu reino há uma gripe que ataca toda a população. Como rei, eu tenho a obrigação de cuidar da população.

55 Disse o rei da “Rai Klaran”:

– No meu reino, morrem muitas pessoas. O povo vai desaparecer.

Queixou-se o rei “Loro Sa’e”:

– As almas lançaram uma maldição sobre o meu reino. A maldição dá-se quando o povo chora e o som não sai. Gritam, choram mas a voz não se ouve.

60 O velho “lia-na’in” estava então muito assustado ao ouvir as dificuldades dos três reis. Respirou profundamente e disse-lhes:

– Bom. As questões dos senhores são muito complicadas. Esperemos que haja possibilidades de encontrar as soluções. Recebam o “malus” e “bua”, mastiguem e depois deem-me para eu ver.

Os três reis mastigaram “bua” e “malus” e depois entregaram o “mama” para o “lia-na’in”. O velho “lia-
65 na’in” verificou com muita atenção o “mama” de cada um. Depois de os verificar, ele pô-los em cima da pedra sagrada e disse:

– Vi os vossos três “mama” que indicam o mesmo sinal. Isto é, uma estrela vai indicar-vos o caminho para que possais encontrar o novo Rei. É verdade que só este Rei vai libertar os homens de todos os sofrimentos. E Ele pode também ajudar os vossos reinos. Os “mama” são redondos mas esta parte dos “mama” dos
70 senhores – ele apontou para os “mama” – sobressai. Isso é um sinal de que quando os senhores partirem de casa, vão encontrar imediatamente a estrela.

Vejam! O velho “lia-na’in” pôe os “mama” na sua palma e aconselhou: “Três “mama” da mesma cor. Cor vermelha clara, significando que a estrela não é uma estrela qualquer. A estrela que vai guiar os senhores para encontrar o novo Rei é uma estrela mais brilhante do que as outras. Sigam esta estrela; não sigam outra!
75 Levem também os meus presentes para oferecer ao menino.” O velho “lia-na’in” deu um “tais mane”, uma parte de sândalo muito perfumado e um “belak” de ouro.

Depois de receberem os presentes do senhor, nessa mesma noite, os três reis sábios regressaram aos seus reinos. No meio do caminho, assustaram-se por verem uma estrela mais brilhante do que as outras. Eles pensaram logo nas palavras do velho “lia-na’in”. Não perguntando mais nada, seguiram a estrela.

80 Chegaram a uma colina, no curral dos cabritos, e a estrela desapareceu. Espantados, questionaram-se sobre a razão desse misterioso desaparecimento num lugar tão pobre. Será que um grande Rei ia nascer fora da cidade e não num palácio? De repente, ouviram a voz do menino chorando. Assustaram-se mais ainda e ficaram com muito medo de que talvez esta voz fosse a voz das almas ou dos fantasmas. Com muita atenção, eles aproximaram-se desta voz.

85 Entre árvores e ervas em que se escondiam, não tão perto, nem tão longe, eles puderam ver claramente um homem que estava a tapar um menino com fraldas de pano muito delgado, numa área fria como aquela, e o homem pôs o menino numa manjedoura. O menino continuava a chorar. Talvez por causa do frio ou porque ele já previa que a vida humana não o favoreceria.

Um dos três reis que recebeu o “tais-mane” teve compaixão daquele menino. Por isso ele pegou no

90 “tais-mane” e aproximou-se para dá-lo ao pai do menino.

– Tape-o com este “tais-mane”. – exclamou este.

O pai do menino assustou-se muito. Tirou a catana aproximou-se da sua mulher e do seu filho.

– O que é que o senhor quer? – disse o homem com a catana na mão, preparando-se para algum perigo.

Os dois reis que estavam escondidos saíram do esconderijo:

95 – Viemos adorá-lo. – responderam, ajoelhando-se e oferecendo os presentes, um “tais-mane”, uma parte do sândalo muito perfumado e um “belak” de ouro.

– Adorá-lo? – questionou, assustado, o chefe de família, aclamando de seguida. – Não nos façam mal! Eu conheço muito bem os senhores. Os senhores são reis!

– É verdade. Nós já vimos a estrela do seu menino. De acordo com um “lia-na’in”, que nos disse que

100 quando víssemos uma estrela mais brilhante do que as outras, significaria que esta estrela ia guiar-nos para um rei que vem libertar-nos de qualquer tipo de escravidão. Ele vai ajudar-nos e também aos nossos reinos. *O nosso reino é deste mundo mas o seu Reino não é deste mundo. Ele é o caminho, a verdade, a vida e o verdadeiro Rei.* Por isso viemos adorá-lo.

Hercus Santos, *Viemos Adorá-lo*

Notas vocabulares

Dadolin: Poema tradicional de Timor.

Lia-na'in: Ancião que tem como função dirigir a oração em “uma-lisan”.

Biru: Amuleto.

Malus: Folhas de bétel.

Bua: Areca.

Huta: Quando um ancião cospe “mama” na testa de uma pessoa, tem como objetivo dar-lhe proteção.

Mama: Massa que se faz na boca mastigando folhas de bétel, um pedaço de areca e um pouco de cal.

Tais-mane: Pano de fabrico tradicional para o homem.

Belak: Medalhão timorense.

Uma-Lisan: Casa sagrada (casa onde se guardam os objetos sagrados).

Loro Monu: Parte oriental de Timor-Leste.

Rai Klaran: Parte central de Timor-Leste.

Loro Sae: Parte Ocidental de Timor-Leste.

3.1. Identifica a temática central do conto.

3.2. Explica o título do conto, relacionando-o com a mensagem principal.

3.3. O conto apresenta elementos da narrativa tradicional, nomeadamente em termos de organização. Procura preencher o quadro que se segue, depois de o copiares para o teu caderno, com as informações mais relevantes sobre a estrutura da narrativa:

Situação Inicial	
Problema	
Complicações resultantes do problema	
Elemento pacificador	
Situação final	

3.4. Explica o uso do itálico no final do conto.

3.5. No texto, os elementos da cultura tradicional timorense, em termos de rituais e de práticas, cruzam-se com o universo religioso do Cristianismo. De que forma é que o autor do texto propõe essa associação?

3.6. Explica, por palavras tuas, o simbolismo presente na escolha de três reis diferentes para representar o território timorense e o seu povo.

3.7. Como interpretas o simbolismo das ofertas ao Menino Deus?

3.8. Que elementos confirmam a existência de relações intertextuais com o conto de Sophia?

Para Reter

A motivação da autora para a escrita do conto.

O significado do título do conto.

O tema do conto e alguns dos seus motivos.

A identificação das personagens e do seu simbolismo.

O simbolismo da viagem do liurai.

O tratamento do tempo e o significado do envelhecimento progressivo do herói.

A caracterização do estilo da autora.

A mensagem do conto e o seu significado, tendo em conta a situação vivida por Timor-Leste.

Verifica se Sabes

... resumir a intriga do texto.

... identificar a personagem principal e proceder à sua caracterização.

... identificar as motivações da partida do liurai e as razões do seu regresso.

... localizar a ação no espaço e no tempo e explicar a sua importância.

... explicar a mensagem central do conto e relacioná-la com o contexto histórico que deu origem ao texto.

... identificar a presença do mesmo tema em outros textos literários.